

Banco ABC Brasil | Relações com Investidores

Transcrição da Teleconferência de Resultados do 3T13

04 de novembro de 2013

[Anis Chacur Neto, ABC Brasil – CEO]

Bom dia a todos, e obrigado por participarem da nossa divulgação de resultados do 3º trimestre de 2013.

Nosso lucro líquido foi de 67,3 milhões de reais no terceiro trimestre. O resultado anualizado sobre o patrimônio líquido foi de 14,8% ao ano. A carteira de crédito expandida atingiu saldo de 16,8 bilhões de reais, sendo 14,6 no segmento corporate e 2,1 bilhões de reais no segmento empresas.

No slide 3 temos a evolução de nossa carteira de crédito. Considerando a carteira de crédito expandida, apresentamos um crescimento de 13,6% nos últimos 12 meses, permanecendo constante no trimestre. O crescimento acumulado no ano de 2013 é de 10%. No segmento Corporate, a carteira cresceu 13,6% nos últimos 12 meses e 0,6% no trimestre. No ano acumula um crescimento de 11,7%. Já no crescimento Empresas, o crescimento foi de 12% nos últimos 12 meses, e apresenta uma queda de 4% no trimestre. Em 2013 apresenta variação de 0,6%.

No slide 4, alguns destaques de cada segmento. No segmento Corporate, terminamos Setembro de 2013 com 755 clientes, dos quais 532 possuíam exposição de crédito, o que resultou numa exposição média de 26 milhões de reais por cliente. A carteira Corporate terminou o trimestre com 366 dias de prazo médio. No segmento Empresas, encerramos o terceiro trimestre de 2013 com 1.362 clientes. Desses clientes, 1.011 possuíam exposição de crédito, o que resultou numa exposição média de 2,1 milhões de reais por cliente. A carteira de Empresas terminou o trimestre com 270 dias de prazo médio. Apresentamos também no slide a distribuição geográfica das carteiras, que não apresentaram variação significativa durante o terceiro trimestre de 2013.

No slide 5, a qualidade da carteira. O saldo dos atrasos acima de 90 dias ficou praticamente estável, tanto para o total da carteira como também para cada segmento separadamente. Para o total da carteira, o valor ficou em 0,23% ao final do terceiro trimestre de 2013. O saldo de PDD atingiu 2,03% da carteira ao final do trimestre, nível bem adequado dado o perfil de nossas carteiras. Nesse indicador observamos variações opostas nos dois segmentos. Observamos um pequeno aumento no segmento Corporate, de 1,4% para 1,6% da Carteira, enquanto que no segmento de Empresas médias caiu de 3,8% para 3,6%.

No slide 6, continuando os dados sobre a carteira de crédito, créditos baixados para prejuízo encerraram o terceiro trimestre de 2013 em 0,16% da carteira. Considerando a classificação da carteira pela resolução 2.682 do Banco Central, as operações de rating entre AA e C terminaram o terceiro trimestre em 96,4% da carteira, com pequena redução em relação aos 96,8% do trimestre anterior.

Passo agora a palavra para o Alexandre Sinzato que falará sobre a distribuição de funding e nossos indicadores financeiros.

[Alexandre Sinzato – Diretor responsável pela área de Relações com Investidores & Marketing]

Bom dia a todos. No slide 7 temos a evolução de nossa captação. O gráfico apresenta a abertura por perfil de investidor. O banco permanece com uma carteira diversificada, com acesso aos mercados local e externo em condições competitivas e com prazos bem confortáveis em relação ao perfil dos ativos. A liquidez permanece abundante e assim como nos trimestres anteriores, os destaques continuam sendo as Letras Financeiras e as Notas Privadas emitidas no exterior. Destacamos também nesse slide os nossos ratings em escala global, que são grau de investimento pelas 3 principais agências: S&P, Moody's e Fitch Ratings.

No slide 8 a evolução de nosso Patrimônio Líquido e do Índice de Basileia. Terminamos o terceiro trimestre de 2013 com patrimônio de referência de 2 bilhões e 800 milhões de reais, e patrimônio líquido de 1,9 bilhão de reais. Encerramos o trimestre com o Índice de Basileia em 17,4%, sendo 11,7% em capital de nível 1 e 5,7% em capital de nível 2. De acordo com o cronograma da Basileia 3, o capital de nível 2 começou a ser amortizado agora em Outubro (apesar de a nossa dívida subordinada vencer apenas em 2020), e como ainda não estão claras as condições de mercado para as emissões de novas dívidas subordinadas, o banco tem proposto e realizado sucessivas capitalizações dos dividendos pagos.

No slide 9, apresentamos a evolução da margem financeira. A margem financeira gerencial após despesas de PDD, no terceiro trimestre de 2013, cresceu 24,4% em relação ao trimestre anterior e 23,6% em relação ao terceiro trimestre de 2012, com

impactos positivos da maior taxa básica de juros, uma maior contribuição de margem financeira com o Mercado e a menor despesa com provisão para devedores duvidosos. Na análise do resultado acumulado dos 9 primeiros meses do ano em relação ao mesmo período do ano anterior, apesar do CDI médio menor neste ano de 2013, o crescimento da margem financeira gerencial após pdd foi de 11% , com contribuições da margem financeira com clientes, margem com o mercado e também uma menor despesa com PDD. O NIM ficou em 4,5% ao ano, tanto no terceiro trimestre de 2013 como no acumulado dos nove primeiros meses do ano.

No slide 10, as receitas de prestação de serviços. Elas atingiram 37 milhões de reais no terceiro trimestre de 2013. Redução de 16,4% em relação ao trimestre anterior, com destaque positivo para a linha de garantias prestadas, que apresentou crescimento de 3,5% no trimestre. Na análise dos 9 meses do ano, verifica-se contribuição positiva nas 3 linhas: Garantias prestadas, Tarifas e Fees de Mercado de capitais e M&A, com crescimento de 18,7% em relação ao mesmo período de 9 meses de 2012.

No slide 11, a variação das despesas e do nosso índice de eficiência. O banco manteve um bom controle das despesas durante o terceiro trimestre de 2013, apresentando estabilidade na linha de pessoal e variação de 1,5% em outras despesas administrativas na comparação com o trimestre anterior. Atingimos índice de eficiência de 36,9% no terceiro trimestre de 2013, e 37,5% nos 9 meses do ano, índices que consideramos competitivos frente ao mercado.

No slide 12 a nossa rentabilidade. O lucro líquido do terceiro trimestre de 2013 totalizou 67,3 milhões de reais, um crescimento de 4% em relação ao 2T13 e 22% em relação ao terceiro trimestre de 2012. O retorno sobre o patrimônio atingiu 14,8% aa neste terceiro trimestre e 14,5% aa nos primeiros 9 meses do ano. Agradecemos novamente a participação de todos na teleconferência e abrimos agora para perguntas que possam existir. Muito obrigado.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Pergunta 1

[Guilherme Costa, ItaúBBA] Bom dia pessoa. Eu gostaria de parabenizar vocês pelo resultado e fazer duas perguntas. A primeira é sobre a tesouraria. Eu gostaria que vocês dessem um pouco mais de cor aí nos resultados do terceiro trimestre que foi bem mais forte que no segundo trimestre. A gente pode esperar esse nível aí como recorrente, ou a tendência é voltar à média do 2º trimestre? E a minha segunda pergunta é sobre a expectativa de vocês em relação ao crescimento de SME pra 2014, dado aí o crescimento da economia por volta de 2%. Obrigado.

[Alexandre] Obrigado, Guilherme, pela pergunta. Em relação aos resultados de tesouraria, realmente neste terceiro trimestre nós tivemos um resultado acima do que é a nossa média histórica. Eu diria que sempre é muito difícil de a gente prever e indicar quanto deve ser nos próximos trimestres, mas eu acredito que a gente deva ter ao longo dos próximos trimestres, nos próximos anos, algo mais próximo do que é realmente a média histórica do banco do que deste resultado do terceiro trimestre, que realmente foi um trimestre muito forte, e que em diferentes produtos o banco foi muito bem, então acredito que algo mais próximo à média histórica seja um nível mais adequado pensando mais no futuro. O Anis vai responder sua segunda pergunta.

[Anis] Com relação à área de Empresas médias, este é um segmento em que este ano nós fomos muito conservadores, porque percebemos que o desempenho deste segmento estava pior, a economia brasileira, quando ela passa por fases de crescimento baixo, as empresas mais frágeis, menos capitalizadas, são as que mais sofrem, e por isso, o crescimento obtido foi menor do que aquilo que a gente imaginava. Nós, inclusive, passamos a focar, dentro das empresas médias, nas médias um pouco maiores. Ou seja, a pequena empresa, aquela que fatura abaixo de 50 milhões reais por ano, nós concluímos que é um segmento que não faz parte do nosso DNA. Entendemos que o médio-alto é um segmento em que o ABC Brasil consegue agregar mais resultado. Diante deste cenário e das perspectivas para 2014, a gente imagina que é um segmento que vai voltar a crescer em ritmos mais interessantes, só que provavelmente com um perfil de risco menor do que aqueles que estamos acostumados a ver no segmento de empresas menores.

Pergunta 2

[Eduardo Rosman, BTG Pactual] Bom dia pessoal. Tenho duas perguntas, na verdade. Na primeira, eu gostaria de saber qual a visão de vocês sobre essa operação do China Construction Bank comprando o Bicbanco. Os senhores imaginam que isso vai aumentar a competição, ou não, no segmento de large corporate? Talvez para o banco chinês fique mais fácil crescer no large corporate do que no segmento de pequenas e médias empresas. E a minha segunda pergunta é sobre essas mudanças na Basileia 3. Tiveram algumas mudanças na semana passada. Inclusive, o fator de ponderação de risco do large corporate voltou a aumentar. Ele tinha caído de 100% para 75% em março, e isso beneficiou bastante a Basileia de vocês, e ele piorou um

pouquinho agora indo de 75% para 85%, então eu imagino que deva piorar um pouquinho aí. Se vocês pudessem fazer algum comentário sobre isso, também, eu agradeceria. Obrigado.

[anis] Obrigado, Eduardo, pela pergunta. Aqui é o Anis. Primeiro, sobre a aquisição do Bic pelo China Construction Bank, a gente acha que é um movimento que faz todo o sentido. O mercado financeiro no Brasil é muito concentrado, temos poucos players com competitividade, e faz sentido um banco com capacidade financeira e que tenha interesse em fazer investimentos fora de seu país, enxergar no Brasil um potencial de bons resultados para o segmento Corporate, então eu acho que isso é positivo no que diz respeito à avaliação do potencial deste segmento em que nós atuamos. No que diz respeito à concorrência, eu acho que é uma concorrência de qualidade. Ou seja, você ter no mercado players de qualidade, que são estratégicos no setor financeiro e enxergando o Brasil como fonte de resultados e crescimento, eu acho que isso é positivo. Mesmo porque, como eu já disse, uma economia tão concentrada no setor bancário, você abrir para um número maior de participantes, eu não acho que é isso que vai prejudicar nossa capacidade competitiva. Então a gente vê isso como muito positivo. E com relação à Basileia, do ponto de vista estratégico, de capital, é uma preocupação a Basileia 3, razão pela qual hoje nós temos uma Basileia de 17%, onde 11,7% é capital nível 1 e o restante capital nível 2. Essa mudança recente da ponderação para empresas Corporate de 75% para 85% tem um pequeno efeito, mas que na própria resolução também diz que tem algo a ser compensado que não ficou claro. Isso não é algo que causa maiores preocupações, seria um pequeno ajuste. Agora, no que diz respeito à parte de dívida subordinada, como hoje não está claro como será a condição de mercado para o novo perfil de dívida subordinada que o órgão regulador vai autorizar, a estratégia que nós temos adotado é propor a recapitalização dos dividendos junto ao Conselho, de maneira a fortalecer um pouco mais o capital de nível 1, até que fique claro como ficará esse mercado de dívida subordinada. Nossa dívida subordinada vence só em 2020, mas apesar disso, dentro das regras da nova Basileia 3, esse capital começou a ser amortizado já a partir de Outubro deste ano. Então, dentro desse contexto, nós temos uma Basileia folgada de 17%, mas sabemos que parte dessa folga, pelo fato de ser através de dívida subordinada, merece uma certa cautela. E aí, para conviver neste cenário, nós temos proposto a capitalização dos dividendos até que isso fique claro, e a partir do momento em que tivermos um mercado mais claro, em termos de liquidez e custo para um novo modelo de dívida subordinada autorizado pelo Banco Central, a gente pode rever essa estratégia. Então, por enquanto, propor a política de recapitalização dos dividendos e reforçar um pouco mais o capital nível 1.

Pergunta 3

[Edgard Leite, ABN AMRO Bank] Bom dia para todos. Eu gostaria de, primeiro, parabenizar vocês. A minha pergunta é sobre a inadimplência. Eu estou vendo que quase todos os bancos que, quando publicam os dados, estão falando sobre isso. Quase todos estão tendo uma inadimplência muito pequena, ou diminuiu bastante. Ou seja, todo mundo está ganhando com isso. Minha pergunta é: essa tendência é geral no mercado brasileiro neste momento, ou vocês estão vendo que é somente uma fase? Como é que vai ficar no futuro essa tendência?

[Anis] Edgar, obrigado pela pergunta. O que nós temos visto aqui é um terceiro trimestre aonde o nível de PDD diminuiu. Sentimos uma melhora na qualidade da carteira de crédito. Não dá para dizer que é uma tendência consolidada, mas no segmento corporativo e no segmento de empresas, de empresas médias, dentro daquela média de um patamar um pouco mais alto, nós estamos ficando cada vez mais confortáveis em voltar a crescer de uma forma mais sustentável. Não dá ainda pra dizer que é uma tendência consolidada, mas acho que eles vão estar melhores do que estavam no começo deste ano.

Pergunta 4

[Gilberto Tonello, GBM Brasil] Bom dia! Obrigado pela oportunidade e parabéns pelos resultados também. A minha pergunta é mais referente à margem. A gente viu aí um incremento de margem no trimestre, mais em função da margem financeira com o mercado. Agora, a margem com clientes, ela apresentou uma queda. Vocês poderiam falar pra gente o que é que afetou a queda na margem, se foi competição, se foi spread? Porque a gente agora, num cenário de alta de SELIC, o que mais afetou a margem pra ela cair neste trimestre?

[Alexandre] Oi Gilberto. Obrigado pela pergunta, é o Sinzato falando. Eu diria que essa variação nos spreads praticados e margem financeira com clientes é uma composição de diversos fatores que você mencionou. Então, claramente, neste ambiente de atividade econômica mais fraca, os bancos, de uma forma geral, tem tido uma busca para trabalhar com clientes que oferecem menor risco. No caso aqui do Banco ABC Brasil, o banco já tem historicamente essa cultura de trabalhar com esse perfil de clientes, mas é claro que também estamos agindo de uma forma mais cautelosa e procurando muitas vezes trabalhar com um cliente que pode estar pagando um nível de margem um pouco mais apertado, mas que a gente sabe que vai oferecer um risco de custo de crédito e nível de PDD também mais confortável para o banco. Então eu diria que tem aí uma composição

da qualidade que o banco está buscando e também a questão da competição, mas eu diria que o banco está conseguindo achar oportunidades em empresas adequadas e para o tipo de risco que o banco deseja correr, ou o perfil de qualidade de carteira que o banco está acostumado, são preços que estão adequados. O banco tem privilegiado a questão da qualidade em relação à quantidade, então está refletindo também no aspecto de crescimento da carteira, e até por isso, a margem financeira com clientes também acaba ficando limitada, e a gente vai poder ver um crescimento mais forte da margem financeira com clientes no momento em que a nossa carteira também puder crescer de um modo um pouco mais forte. Em relação à parte da SELIC, eu diria que a gente não enxerga uma correlação tão grande entre a variação da taxa SELIC e os spreads praticados. Aí eu acho que os impactos são mais indiretos, eles estão mais relacionados aos impactos do nível da SELIC no nível de atividade econômica e como isso possa impactar a qualidade desses clientes, então o impacto da SELIC maior realmente é o que a gente vê mais diretamente é na remuneração do nosso capital próprio que a gente tem deixado aí bem explícito na nossa divulgação de resultados.

Pergunta 5

[Frederic-de-Mariz, UBS] Bom dia a todos, obrigado pela conferência. Só um follow up dessa pergunta anterior que a gente teve sobre concorrência. A gente está ouvindo bastante sobre os bancos públicos, que eles estão um pouco menos agressivos na precificação. Eu só queria ouvir de vocês qual é a visão de vocês em seus segmentos, em termos de competição, tanto dos privados como dos bancos públicos também. Obrigado.

[Anis] Obrigado, Frederic. Aqui é o Anis. Nós entendemos que no segmento corporativo houve um aumento de agressividade nos últimos meses dos bancos públicos, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, mas eu entendo que a agressividade dos bancos públicos foi maior no segmento de varejo do que no segmento corporativo. Sentimos a presença deles um pouco maior, mas nada que significasse uma grande compressão de margens no nosso segmento, e agora, em que esses segmentos estão apresentando sinais de crescimento menor, pode significar uma redução, mas também não acho que vá ser expressivo na melhora da capacidade de crescimento. Onde a gente entende que os bancos públicos adotaram uma agressividade mais forte foi no crescimento de crédito consignado e no segmento de crédito imobiliário. No segmento corporativo, o Banco do Brasil pode ter tido uma política um pouco mais forte de crescimento, mas nada que fosse expressivo na nossa condição de competir neste mercado.

Considerações Finais

[Anis Chacur Neto – CEO] OK. Muito obrigado a todos por participarem dessa teleconferência de resultados do Banco ABC Brasil. Estamos à disposição para qualquer outra dúvida que possa surgir. Obrigado.